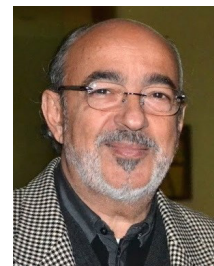


A Voz das Secções da SPRMN/The Voice of the SPRMN Sections

**RADIOLOGIA - UM RAIOS INVISÍVEL ENTRE A
MEDICINA E A ARTE***RADIOLOGY - AN INVISIBLE BEAM BETWEEN MEDICINE
AND ART*

Carlos Prates



Coordenador da Secção de Paleoradiologia e Análise Não Destrutiva pelos Raios X da SPRMN

A descoberta dos Raios X por Roentgen em 1895 revolucionou a Medicina e transformou toda a nossa saúde. O impacto foi imediato e a progressão consistente, num longo processo de experimentação e aperfeiçoamento. Em contrapartida assistiu-se nos últimos 30 anos a um crescimento exponencial, com constantes avanços tecnológicos e explorando todas as potencialidades de uma nova base digital. E a Radiologia conquistou naturalmente a posição central que hoje detém em todos os procedimentos clínicos.

Mas há outra importante aplicação da Radiologia, menos conhecida mas não menos apaixonante. Por curiosidade, através de um salto a um passado bem mais longínquo, referenciamos S. Lucas Evangelista. São Lucas era médico e é, na liturgia cristã, o santo patrono dos médicos e o dos artistas. E esta coincidência de proximidade entre médicos e arte é também materializada pela descoberta de Roentgen.

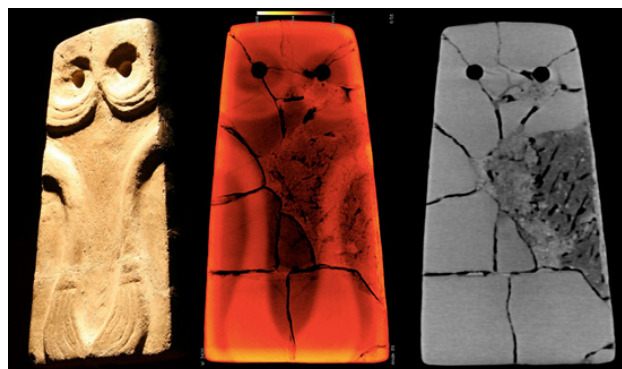
Efectivamente os Raios X são hoje, como método de análise não-destrutiva, uma poderosa ferramenta que proporciona a historiadores de arte e arqueólogos a possibilidade de obter inúmeras informações como composição dos materiais, métodos contrutivos, contribuindo para desvendar onde, quando, ou até por quem um artefacto terá sido feito.

As investigações de a peças arqueológicas, ou de arte, como pinturas, esculturas, cerâmicas, metais, etc... são hoje passos imprescindíveis para conhecermos melhor a verdade do passado.

São ainda fundamentais em conservação, na diferenciação entre peças originais e aditamentos posteriores de restaurações, e ainda na identificação de falsificações.

Mais especializadamente, na esfera da bioarqueologia, o estudo de restos humanos, há a possibilidade de recuar no tempo e obter novas perspectivas para o conhecimento de múltiplas facetas de antigas culturas. Aqui cita-se a paleopatologia pelo interesse especial da proximidade com o nosso trabalho médico do dia a dia.

Sendo inquestionável que todo o património está materialmente condenado a desaparecer, pelos efeitos inexoráveis do envelhecimento dos materiais e múltiplos factores de agressão ambiental, é por aqui também preciosa a contribuição da Radiologia, preservando digitalmente imagens isoladas ou volumes de informação. Poder-se-á sempre revisitá-los, redescobri-los, e sobretudo guardá-los intemporalmente para nossa memória colectiva futura.



Esta diferente contribuição da Radiologia está desde há pouco tempo agregada numa nova secção da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear (SPRMN), denominada “Paleoradiologia e Análise Não Destrutiva pelos Raios X”. Nela acede-se desde já a pequenas amostras sobre a aplicação de meios radiológicos à arte, à arqueologia e à bioarqueologia em Portugal. A nova secção está destinada a agregar e divulgar trabalhos realizados em Portugal e dedicados à investigação por meios radiológicos em arte e arqueologia.

Desde há anos que radiologistas, de várias zonas do país, deram passos por estes caminhos. Citamos, apenas como exemplos pontuais, múmias Egípcias no Porto e em Lisboa, fósseis nas Caldas da Rainha, arte islâmica e arte sacra no Algarve, investigação histórica em Alenquer, e outros haverá.

Porque são entre nós estes caminhos não-médicos da Radiologia escassos e fortuitos?

Por um lado por constrangimentos financeiros constantes e crescentes nas várias esferas da Cultura, por outro por esta vertente da radiologia estar, entre nós radiologistas, in limbo. As dotações do Estado são sistematicamente erodidas por outras prioridades, limitando na grande maioria dos Museus, senão em todos, iniciativas de estudos especializados sobre as suas peças. Estas dificuldades em capacidade de investigação não só impedem o conhecimento do nosso património, como o empobrecem.

Ora, se as tutelas do património não dispõem de autonomia e capacidade para investigações desejáveis em várias das suas peças, estarão condenadas melhorias nesta esfera? Possivelmente, não.

Poder-se-à percorrer um caminho inverso, uma abordagem que vá de fora, da Radiologia, para dentro dos museus.

Poderá uma Radiologia apaixonada, culta e socialmente motivada dirigir-se aos Museus e desafiar parcerias. Parcerias com um perfil de mecenato cultural, com disponibilização graciosa de equipamentos e trabalho especializado em voluntariado.

Para além da referência a S. Lucas, o perfil humanista da medicina condiciona, em muitos médicos, uma natural paixão pela Arte, pela Arqueologia, e pela História em geral. Inserem-se neste espírito os médicos radiologistas, perspectiva que é reforçada pelas excepcionais capacidades da sua especialidade.

Radiologistas que sintam esta atracção, poderão alinhar na missão, uma que só eles podem desempenhar, e decidir voluntariar-se e avançar.

Como muitos voluntariados, é um caminho complexo, que tem de ser detalhadamente organizado, mas muitíssimo entusiasmante de percorrer. Cruza-se com novas realidades, com contactos multidisciplinares, com múltiplos artefactos e restos do passado, com hipóteses sobre eles, com perguntas a responder, com pesquisas e investigações, com descobertas, etc, etc...

Não é assim difícil perceber que tudo concorrerá para que os tempos “gastos” sejam, não só individualmente gratificantes, como constituam preciosas contribuições ao património e à comunidade.

Ora se é objectiva a coincidência geográfica entre Museus e Coleções e unidades de Radiologia melhor apetrechadas, então porque não imaginar que estas aventuras sobre o património se possam multiplicar pelo país?

É que até possamos assistir ao nascer de algo mais especial: uma rede nacional de parcerias entre a Radiologia e o Património e Cultura.

Se todos esses polos funcionarem mesmo como rede (para isso a Web é ideal), se comunicarem entre eles ideias, se partilharem protocolos e novas experiências, estar-se-à então próximo do topo em qualidade de investigação e bons resultados.

Fica aqui este desafio à Radiologia, sonhador, mas pelo que acima se refere plenamente viável.

Percebem-se e reconhecem-se as dificuldades e pressões que cada vez mais existem na prática médica dos nossos dias, e sentem-no muito em especial os radiologistas.

Quem sabe se não podem ser precisamente essas dificuldades a fazer brotar novas abordagens e missões, como a exploração desta face, bela mas oculta, da nossa especialidade.

Que a aventura comece !

Como adenda de suporte básico ao interesse de radiologistas, refere-se uma possível sequência de passos, que poderá ajudar o arranque local de uma destas “aventuras”:

- familiarizar-se sobre as possibilidades dos Raios X na Arte e Arqueologia,
- sensibilizar o imprescindível apoio de técnicos de radiologia,
- sensibilizar os responsáveis dos serviços ou unidades, para a cedência graciosa da logística e equipamentos, em períodos de não-uso médico (não só a própria ideia é atractiva, como a visibilidade que na comunidade proporcionará, ajudarão a decisões positivas),
- visitar localmente o património artístico e arqueológico, percebendo possibilidades de estudo e de enriquecimento das coleções,
- reunir com a Direcção dos Museus e lançar o conceito de possível parceria, com o desafio para um teste, da sua escolha e interesse,
- havendo luz verde, planejar e organizar a investigação em grande detalhe, em todos os seus distintos passos,
- usar sempre que possível (e adequado) a radiografia digital e a TAC multicorte,
- na data combinada receber e estudar a peça (deve ser transportada e manipulada por funcionários do museu e, se necessário, com seguro pelo Museu), regressando logo após à sua origem,
- preservar, processar e estudar, pacientemente, todos os dados digitais obtidos,
- assim que possível partilhar com o Museu opiniões preliminares e entregar os dados digitais,
- finalizada a investigação redigir relatório com conclusão definitiva e, eventualmente, publicar os resultados.